



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DE GOIÁS
EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA ISABELA RAMOS MALHEIRO

**TRAJETÓRIA DAS MULHERES NA FORMAÇÃO INICIAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA CONSIDERANDO-SE O MACHISMO DA
SOCIEDADE GOIANIENSE: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS**

GOIÂNIA

2022

ANA ISABELA RAMOS MALHEIRO

**TRAJETÓRIA DAS MULHERES NA FORMAÇÃO INICIAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA CONSIDERANDO-SE O MACHISMO DA
SOCIEDADE GOIANIENSE: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na forma de monografia, como requisito parcial para integralização curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), sob a orientação do(a) Professor(a): Ma. Jéssica de Moura Pereira.

GOIÂNIA

2022



Ata de Correção de Trabalho de Conclusão de Curso 2

Goiânia, 05 de setembro de 2023.

O trabalho nomeado **TRAJETÓRIAS DAS MULHERES NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA CONSIDERANDO-SE O MACHISMO DA SOCIEDADE GOIANIENSE: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS**, de autoria do discente Ana Isabela Ramos Malheiro, foi considerado **Apto** (X) ou **Inapto** (), pela banca de correção abaixo nomeada, a qual atribui nota **9,5**

Banca de correção formada pelos professores	9,5
Nota	
Profa. Ma. Jéssica de Moura Pereira	
Professor Orientador	
Profa. Ma. Conceição Viana de Fátima	9,5
Professor Parecerista 1	
Profe. Dra. Lílian Brandão Bandeira	9,5
Professor Parecerista 2	
Total (somar as notas e dividir por 3)	9,5

RESUMO

Este estudo objetivou apresentar as histórias e as trajetórias profissionais de mulheres formadas na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (ESEFFEGO-UEG) em diferentes momentos históricos, identificando os desafios que atravessaram suas formações e as resistências que puseram em prática para superá-los. Buscamos avaliar se o machismo evidenciado em nossa sociedade e, especificamente, na região de Goiânia afetou a formação e a trajetória profissional das graduadas em Educação Física, assim, almejamos ainda identificar se as interdições, opressões, resistências e/ou avanços experienciados têm correlação com o momento histórico em que elas frequentaram a faculdade. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa social com base nos estudos feministas, sendo que o tipo de investigação se constituiu como um estudo de caso. A entrevista semiestruturada foi o instrumento usado para o levantamento das informações, sendo que as perguntas foram direcionadas a oito mulheres cujas formações em Educação Física se deram entre as décadas de 1970 e os anos 2000, ocorrendo especificamente na ESEFFEGO. Constatamos que as mulheres, formadas em épocas diferentes na instituição, apresentaram pensamentos distintos sobre a influência do machismo em suas trajetórias profissionais, todas foram vítimas de algum tipo de violência e/ou das interdições que são fruto de uma sociedade onde o machismo impera. Destacamos que a criação que receberam durante a infância, seus posicionamentos políticos e os momentos históricos vividos por cada uma, influenciaram significativamente na forma como elas se posicionam no mundo, tanto como mulheres quanto como profissionais.

Palavras-chave: Machismo. Educação Física. Formação Inicial; Trajetória Profissional das Mulheres.

ABSTRACT

This study will present as professional trajectories of women and histories in the School of Physical Education and Physiotherapy of the State of Goiás (ESEFFEGO-UEG) in different historical objectives, identifying the challenges that crossed their forms and as resistances that emerged in practice to overcome them. We seek professionals to assess whether what is evidenced in our society and, specifically, in the formation of the region of Goiânia and the trajectory of graduates in Education, thus, we still aim to affect whether the interdictions, pressures, resistances and/or advances are identified with the Physics moment background in which they attended college. To this end, we developed a social research based on feminist studies, and the type of investigation was constituted as a case study. The semi-dada was used as an instrument for collecting information, being the instrument used for collecting information, being directed to eight women as the decade of Physical Education and the 2000s, whose specific questions were asked at ESEFFEGO. We found that different women, conceptions at times in the fruit institution, have different thoughts about the influence of machismo, all of them were victims of their trajectories of violence and/or the interdictions that are of a society where machismo reigns. that they had during childhood, their political positions and the moments lived by each one, significantly influenced the way they position themselves in the world as much as women and professionals.

Keywords: Machism. Physical Education; Initial Formation. Professional Trajectory of Women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1: HISTÓRIA DAS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	7
1.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CURSO SUPERIOR	9
1.2 MULHERES BRASILEIRAS E O ESPORTE	11
CAPÍTULO 2: A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO ESTADO DE GOIÁS	14
CAPÍTULO 3: OS CAMINHOS DA PESQUISA	17
3.1 FORMAÇÃO INICIAL E A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DAS GRADUADAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA PELA ESEFFEGO: O MACHISMO QUE NÃO VEMOS, EXISTE	19
3.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

A educação, entendida como um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual do ser humano, tem um significado amplo e abrangente. Assim como a educação pode ocorrer institucional ou comunitariamente, sendo lida como um bem, como um trabalho e como elemento componente do modo como vivemos, ela também pode ser controlada e imposta por um sistema centralizado de poder que a manipula reforçando um panorama de desigualdades educacional, cultural, econômica e social (BRANDÃO, 2017).

A formação inicial, destinada à profissionalização em alguma área do conhecimento humano, abrange uma trajetória de conquistas com relação às capacidades humanas e sociais historicamente construídas-adquiridas, ou seja, esta etapa apresenta várias condições para que tanto o ensino quanto a aprendizagem ocorram assentados nas epistemologias e/ou conhecimentos científicos socializados entre as comunidades acadêmicas. É no processo de formação inicial que ocorre a constituição e qualificação profissional do sujeito, programada como uma fase em que há desenvolvimento específico daquelas/es que estarão habilitadas/os para atuarem em diferentes contextos profissionais (PRYJMA; WINKELER, 2014).

Destaca-se que a educação é uma forma de socialização dos seres humanos e quando contemplada na formação inicial em instituições superiores de ensino, pode ser pautada por uma ética que reflete as demandas de grupos sociais dominantes, pela transmissão de certos valores e pelo reforço a determinadas atitudes e/ou preconceitos. Neste sentido, tratando-se do Brasil, é perceptível que há a reprodução de desigualdade de gênero em contextos educacionais e, essa afirmação encontra respaldo nos argumentos de Alvarenga e Vianna (2012 apud Duarte, 2021) os quais indicam que as relações sociais manifestam a divisão social e sexual do trabalho supondo uma hierarquização fundada nas diferenças sexuais, eminentemente biológicas, que levam à distinção entre os postos de trabalhos destinados aos homens ou às mulheres, sendo que o homem, sobretudo branco, é mais valorizado em termos salariais.

De acordo com Duarte (2021), ao serem apontadas como naturais, as distinções entre os sexos resultam em desigualdades extremas em vários aspectos da vida social, sobretudo, em contextos de escolarização/formação e no trabalho. Ainda que a população de mulheres (cis), em especial as residentes dos centros urbanos, possua níveis de escolaridade superiores aos dos homens – 7,8% dos homens têm nível superior em relação a 9,2% das mulheres (IBGE, 2009) e, segundo o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2010), desde 2004, mais mulheres alcançaram títulos de doutorado no Brasil quando comparadas aos homens – as taxas de desemprego das mulheres são significativamente maiores, sendo que quando há distribuição

de empregos com carteira assinada elas tendem a compor as fileiras das/os trabalhadoras/es que têm esse “direito” negado. Vale ressaltar ainda que a remuneração média das mulheres com carteira assinada é muito menor que a dos homens (NASCIMENTO, 2016).

Outro fator agravante nas condições de inserção, acesso e permanência das mulheres nas profissões em que se formaram diz respeito à maternidade, pois quando essa mulher é mãe, a vulnerabilidade e a segregação social são ainda maiores. Uma vez que a maternidade pode ser associada a algo limitador da liberdade das mulheres, principalmente quando há expectativas e estereótipos sobre seus comportamentos e funções sociais devem desempenhar, a capacitação delas é colocada à prova, interferindo na imagem para o mercado de trabalho, as limitando e comprometendo sua sobrevivência. Um exemplo disso é a pesquisa feita na empresa de mercado *MindMiners* em que 47% das mulheres entrevistadas já foram rejeitadas para a vaga de trabalho por serem mães ou por desejarem ter filhos (UNGHERI et al, 2022).

Tendo em consideração as informações até aqui apresentadas, focalizamos que o objeto da pesquisa é a formação inicial e a trajetória profissional de mulheres que cursaram Educação Física na ESEFFEGO/UEG. Devido à desigualdade de gênero enraizada na composição da sociedade brasileira e, em especial, a goianiense, bem como a minha trajetória como mulher em processo de formação no curso de Licenciatura em Educação Física, considero de extrema relevância compreender quais posições e desafios as profissionais/professoras de Educação Física vivenciaram e ainda vivenciam nesse percurso que atravessa contextos tão machistas¹. A título de exemplo, Goellner (2005) destaca que no meio esportivo além do medo das mulheres serem desonradas pela prática de atividades esportivas, existia também a preocupação de serem bem sucedidas nessas práticas e infringirem as leis da natureza por se mostrarem mais fortes, quebrando a sentença das diferenças naturais em que baseava-se na superioridades física de um sexo sobre outro.

No decorrer da história da educação física e dos esportes foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades e, a forma como operam as relações de poder entre mulheres e homens, seja na área da participação, seja na gestão e administração. Apesar das condições desfavoráveis para as mulheres, houve alterações no decorrer dos anos, transformações que fizeram e fazem parte de trajetórias de relevância e resistência.

¹ Recorrendo ao dicionário on-line Michaelis (Machismo, 2022) encontram-se três definições para o termo, sendo elas: “**1.** Qualidade, comportamento ou modos de macho (homem); macheza, machidão. **2.** COLOQ Orgulho masculino em excesso; virilidade agressiva. **3.** Ideologia da supremacia do macho que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres”.

Ante o exposto, o problema dessa pesquisa, ou melhor, as questões que orientarão a atividade investigativa são as seguintes: com base nas trajetórias das mulheres no mercado de trabalho, quais posições ocupam as profissionais de Educação Física cuja formação inicial ocorreu na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (ESEFFEGO UEG)? Considerando-se diferentes momentos da história da instituição, quais os desafios enfrentados durante a graduação e o quanto de avanços, opressões e/ou interdições vivenciaram nesse percurso? A hipótese para esses problemas diz respeito à cultura machista que permeia a sociedade brasileira e, em específico, a goianiense, gerando interdições durante a trajetória das mulheres na Educação Física, demandando que elas ajam com muita resistência. Por isso, o impacto do machismo nas histórias de vida influenciou e continua influenciando a formação, a valorização e colocação das mulheres no mercado de trabalho e nas dinâmicas sociais.

Dentre os objetivos de pesquisa destacamos que buscaremos: apresentar as histórias e as trajetórias profissionais de mulheres formadas na ESEFFEGO em diferentes momentos históricos, identificando os desafios que atravessaram suas formações e as resistências que puseram em prática para superá-los. Avaliar se o machismo estrutural da sociedade brasileira e, especificamente, da goianiense afetou a formação e a trajetória profissional das graduadas em Educação Física e; analisar se as interdições, opressões, resistências e/ou avanços experienciados têm correlação com o momento histórico em que elas frequentaram a faculdade.

No capítulo 1 abordaremos a História das mulheres no ensino superior brasileiro, a formação e a trajetória na Educação Física e no Esporte. No capítulo 2 trataremos da violência contra mulheres especificamente no estado de Goiás. No capítulo 3 apresentaremos a metodologia e no capítulo 4, intitulado “Formação inicial e a trajetória profissional das graduadas em Educação Física pela ESEFFEGO: o machismo que não vemos, existe”, apresentaremos as discussões e resultados que derivaram das entrevistas realizadas.

Esta pesquisa se justifica pela possibilidade de conhecermos e compreendermos a trajetória das mulheres na educação, a fim de valorizarmos seus movimentos e ações de resistência, buscando avançar ainda mais no oferecimento de acesso e ensino-aprendizagem de qualidade durante as graduações. Almejamos que seja aumentada a possibilidade de uma maior visibilidade acadêmica e profissional para essas histórias a fim de que reflitamos sobre cenários sociais mais igualitários e justos. Empreendemos um estudo feminista que também buscou dar visibilidade e contribuir com teorias e práticas feministas.

Apesar dos limites identificamos que as entrevistadas apresentaram sucesso profissional, todas estiveram/estão em alguma medida sujeitas a tudo que decorre do machismo, mesmo àquelas que alegaram não sofrerem com o machismo na sua formação e prática

profissional. Ao fim e ao cabo todas estão sujeitas a resistirem ou a reproduzirem atitudes e práticas machistas. Finalmente, Esperamos facilitar a compreensão do espaço que a educação física, juntamente com a ESEFFEGO, ocupam a fim de que não sejam espaços focalizados apenas no saber e poder machistas.

CAPÍTULO 1: HISTÓRIA DAS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

A história das mulheres, em geral, não consiste em descrevermos uma trajetória linear, é muito mais complexo na verdade, considerando-se a posição das mulheres na história, bem como os movimentos feministas. Estudos recentes apontam que as mulheres estão presentes em maior número quando se trata de ocupação em níveis educacionais, inclusive no ensino superior. Porém, a desigualdade de gênero já enraizada no mundo dificulta a equidade na distribuição de oportunidades. De acordo com Pereira e Favaro (2017):

Rosane da Silva, coordenadora do Núcleo de Gênero do MTPS, destaca que “estudos apontam que as mulheres têm mais escolaridade que os homens, mas isso não tem sido determinante para que ela possa entrar em setores mais qualificados e, mesmo ela estando nesses setores, ela recebe menos e não é valorizado o seu grau de instrução” (BRASIL, 2016, p. 1 *apud* PEREIRA; FAVARO, 2017, p. 5528).

A trajetória das mulheres no ensino revela que elas enfrentaram inúmeras dificuldades para conseguirem o direito a acessarem diferentes níveis de instrução, uma vez que, por muito tempo a educação das mulheres em sua grande parte foi orientada para a vida privada, ou seja, para que desenvolvessem habilidades de cuidados domésticos e maternais. Neste sentido, enquanto os homens possuíam qualidades consideradas superiores, algumas mulheres foram colocadas numa posição inferior por serem designadas como “sexo frágil”.

No período colonial, consideravam desnecessário que as mulheres não escravizadas e escravizadas aprendessem a ler e escrever, uma vez que a educação das primeiras era restrita ao aprendizado de trabalhos domésticos e para serem boas mães e obedientes esposas. Às escravizadas eram designados os castigos corporais e violências, a precariedade de acessos à direitos, a desumanização e a constante tarefa de darem à luz a novas “propriedades” dos senhores. Dito isso, ressaltamos que na “maior parte da história brasileira existiu uma divisão sexual do trabalho que, de modo geral, impunha às mulheres as atividades domésticas e de reprodução (privadas), e aos homens as atividades extra-domésticas e produtivas (públicas)” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 131 *apud* PEREIRA; FAVARO, 2017, p. 5530).

Foi com a vinda da família real portuguesa para o Brasil e com a Independência, em 1822, que se iniciou uma preocupação com a educação feminina uma vez que, foi estabelecido que o ensino primário deveria incluir também as meninas e ser responsabilidade do Estado. No entanto, um dos requisitos era que as turmas de meninas tivessem apenas mulheres como professoras o que, conseqüentemente, fez com que o ensino feminino não evoluísse muito, pois,

não havia muitas professoras qualificadas devido ao fato de que a maioria das mulheres eram restringidas ao ensino-aprendizado das tarefas para a vida privada, como citado anteriormente (doméstica e maternal). A educação da maioria das mulheres no período Imperial continuou, portanto, sendo interrompida ou negligenciada, havendo assim, poucos avanços em sua escolarização. Segundo Aranha (2006 *apud* PEREIRA; FAVARO, 2017, P. 5532):

Algumas famílias mais abastadas, às vezes, recebiam noções de leitura, mas se dedicavam sobretudo às prendas domésticas, à aprendizagem de boas maneiras e à formação moral e religiosa. O objetivo principal ainda era prepará-las para o casamento” (ARANHA, 2006 *apud* PEREIRA; FAVARO, 2017, p.5532).

Em 1875 houve uma possível orientação/aceitação de uma profissão que fosse destinada às mulheres, tal fato se deu a partir da formação na carreira de magistério na Escola Normal da Província, mas, cabe ressaltar que neste contexto, o ensino superior era proibido às mulheres. Em relação a entrada das mulheres no ensino superior em geral, em 1837 no estado de Ohio, Estados Unidos, foi o local onde se constatou a “primeira” entrada delas no ensino superior, mais precisamente no “*Women’s College*”. No Brasil, apenas no final do século XIX que se iniciou a entrada das mulheres nas faculdades, haja vista que a instituição de universidades em nosso país foi uma demanda do século XX (PEREIRA; FAVARO, 2017, p. 5532).

No início do século XX, os centros urbanos de algumas regiões do Brasil adaptaram-se à expansão do capitalismo que estava mais avançado com a crescente industrialização, o que possibilitou uma inserção maior das meninas e mulheres no campo educacional, ainda que elas fossem atravessadas por uma dinâmica de inferioridade profissional, econômica e social. Outro marco importante na história das mulheres brasileiras, ainda no início do século XX, diz respeito à inserção e participação delas na política, de acordo com Pereira e Favaro (2017, P. 5534) “estas só obtiveram o direito ao voto em 24 de fevereiro de 1932, através do Decreto Lei do Presidente Getúlio Vargas. Como resultado desta conquista, a alfabetização feminina foi crescendo ainda mais”, isso porque apenas pessoas alfabetizadas poderiam votar, então, os políticos começaram a ter interesse na alfabetização geral da população e a tentar “organizá-la” para atenderem seus interesses.

A partir da década de 1960 as mulheres tiveram de fato chances significativas de ingressarem no ensino superior, “[...] somente a partir da LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, Lei nº 4.024/61, é que “foi garantida equivalência de todos os cursos de grau médio, abrindo a possibilidade para as mulheres que faziam magistério de disputar os vestibulares” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 130 *apud* PEREIRA; FAVARO, 2017,

p. 5534). Scott (1992) aponta que “durante os anos 60, tanto as faculdades, quanto as escolas de graduação e as fundações começaram a estimular as mulheres a obterem *PhDs*, oferecendo bolsas de estudo e um considerável apoio financeiro” (SCOTT, 1992, p. 69).

Nesta lógica, Pereira e Favaro (2017) afirmam que no nosso caso:

Em 1985, a expansão do ensino no Brasil continuou com a instalação da chamada “Nova República” e adquiriu contornos distintos. [...] registrou-se um grande crescimento das universidades privadas, que ultrapassaram em muito o número de estudantes matriculados na universidade pública. A expansão geral das vagas no ensino brasileiro favoreceu especialmente o sexo feminino” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 130-131 *apud* PEREIRA; FAVARO, 2017, p. 5534).

Desde então as mulheres têm ocupado, em sua maioria, todos os níveis de ensino no Brasil, inclusive o ensino superior, mas, ainda sim, são maiorias social-cultural-discursiva e economicamente minorizadas, tratadas como inferiores por causa do machismo, político e historicamente estruturado e disseminado em nossa sociedade.

1.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CURSO SUPERIOR

Uma das principais funções da universidade é a formação de recursos humanos que irão possibilitar o atendimento às necessidades da sociedade em alguma área específica. Ou seja, a sociedade impõe diferentes tipos de serviços, cada qual com o seu grau de especificidade (GHILARDI, 1998).

No caso da educação física, ela ocupa, em nosso meio, a posição de principal promotora da saúde e, muitas vezes, no pensamento da população, está relacionada apenas ao aspecto de desenvolvimento biológico, sobretudo a partir das intervenções que fazemos em ambientes como academias, clubes, escolinhas esportivas, entre outros. Nas escolas, apesar de buscarmos resistir e tratar os elementos da cultura corporal de maneira crítica a fim de extrapolarmos a visão biologicista, encontramos entraves que potencializam a precarização do trabalho e nos impedem de avançarmos um pouco mais.

A vinculação entre educação física e saúde, e educação física e esporte ao longo dos anos tem sido a principal referência dos alunos que ingressam no curso de educação física e, ao mesmo tempo, um bloqueio para que se possa compreender a educação física em uma dimensão educacional mais ampla e também suas ligações com diferentes campos de saberes (FIGUEIREDO, 2004).

A educação física, hoje, pode ser compreendida como área que aborda as atividades corporais em suas proporções culturais, sociais e biológicas. Assim, a educação física extrapola a questão da saúde, se relacionando com as produções culturais que envolvem aspectos lúdicos e estéticos, deixando de ter como foco apenas o esporte ou os exercícios físicos voltados para uma perspectiva restrita à promoção e ao desempenho de atividade física. Além disso, ingressar num curso de educação física vem, cada vez mais, significando para os discentes a busca de uma formação que o capacitará a trabalhar na área da saúde (FIGUEIREDO, 2004).

Pensando na interferência da violência de gênero na inserção das mulheres e estudantes no curso de educação física no ensino superior, as mulheres conseguem entrar no mercado de trabalho da educação física, mas são vistas como invasoras do universo masculino, e por isso são direcionadas a ocupar cargos classificados como “femininos”, como ministrar aulas para a educação infantil e o ensino fundamental (UNGHERI et al, 2022).

Na educação física, as mulheres sofrem dificuldades para quebrarem estereótipos, para serem valorizadas como profissionais e/ou empreendedoras, para esclarecerem as normas em relação aos seus corpos e para se inserirem profissionalmente no mercado de trabalho. Por isso cada vez mais têm sido criados ambientes exclusivos ao público feminino, como academias por exemplo, por darem a ideia de um “lugar seguro” tanto para as alunas como para as professoras.

Segundo pesquisa realizada por Ungheri et al. (2022) que analisaram a perspectiva de graduandas em educação física sobre o exercício de sua futura profissão, o mercado de trabalho e as questões de gênero destaca-se que:

Para a maioria das participantes, suas futuras atuações na área exigem que se mantenha um certo estilo de vida ativo, já que vários campos de atuação requerem vivências e práticas corporais. Esse pensamento cria uma linha tênue entre ter um corpo predisposto para ministrar as aulas e treinos e buscar um corpo aproximado de um padrão idealizado (UNGHERI, et al, 2022, p.10)

As profissionais da educação física estão vulneráveis a situações de assédio físico, tanto nos estágios quanto nos empregos formais. A figura feminina é sexualizada e objetificada dentro (e fora) da educação física de forma a interferir no livre arbítrio das profissionais. Nesta lógica, fica evidente que há um lugar de desvantagem para as futuras profissionais da área.

1.2 MULHERES BRASILEIRAS E O ESPORTE

As mulheres tiveram que superar obstáculos para conquistarem, também, um lugar no esporte, um deles por exemplo foi a limitação da participação delas em determinadas práticas corporais, consideradas como incompatíveis com a suposta “natureza” feminina. É em meados do século XIX que as mulheres brasileiras começaram a se inserir no mundo do esporte, mas, é no início no século XX que de fato ocorreu uma maior visibilidade em torno do feito ou dos corpos dessas atletas. Isso porque houve um crescente desejo de modernização e civilização, constituído a partir das novas demandas sociais que visavam a produção de mais bens de consumo e com maior rapidez. Segundo Goellner (2005, p. 86):

Aliada à expectativa do crescimento econômico, a educação do corpo é reconhecida como essencial ao desenvolvimento e fortalecimento da nação, desenhando outro estilo de vida: pública, coletiva, eufórica, cujas ofertas de diversão abraçam homens e mulheres, redimensionando hábitos e práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades (GOELLNER, 2005).

Como já falado no tópico acima, *História das Mulheres no Ensino Superior no Brasil*, as mulheres eram criadas apenas para serem do lar, mães e esposas, sendo limitadas as participações em ambientes sociais, inclusive no meio esportivo. Goellner (2005, p. 88) destaca que isso começa a mudar:

Junto com os ventos de mudança e inovações que vinham da Europa, chegam também os ecos das lutas femininas, que projetam novas perspectivas para as mulheres brasileiras como, por exemplo, o cuidado com a aparência, com a saúde e com maior presença na vida social das cidades (GOELLNER, 2005).

Também nessa época, houve intervenções de médicos higienistas que divulgavam a importância da saúde e da educação corporal, incluindo o exercício físico como um dos meios para a construção desse corpo saudável, regenerado e “belo”, fazendo ainda com que enxergassem o esporte como uma referência para que pudessem adquirir e desenvolver virtudes e aptidões herdadas hereditariamente. Era crucial que a saúde de homens e mulheres fosse impactada positivamente, sendo que em torno da questão de “aumentar a saúde” das mulheres girava a obrigatoriedade de deixá-las aptas à maternidade. A preocupação que rondava o corpo das mulheres dizia respeito a elas estarem saudáveis para a reprodução e para as demandas sexuais do outro, ou seja, um corpo estereotipado para agrado de seus maridos.

Às mulheres são indicadas formas de comer, de falar, de se divertir, de trabalhar, de se embelezar, de se movimentar, de fazer amor, de se vestir, enfim, de se comportar. De todas estas prescrições uma será considerada como fundamental: a exercitação física (BESSE, 1996; GOELLNER, 2003 *apud* GOELLNER, 2005, p. 90)

E é a partir desse contexto que o esporte aparece para as mulheres como uma possibilidade de participação social. De acordo com Goellner (2005), em 1932, na Olimpíada sediada em Los Angeles, registrou-se a participação, na equipe brasileira, da nadadora Maria Lenk, primeira atleta a participar de uma Olimpíada representando o país. Apesar da participação das mulheres nos esportes ter começado antes de 1932, Maria Lenk foi quem abriu grandes portas para a participação de novas atletas brasileiras em competições.

Em 1935, por exemplo, surgiram os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, que reuniram mulheres em atividades poliesportivas (TAVARES E PORTELA, 1998 *apud* GOELLNER, 2005, p. 93). Organizados por Mário Filho, os Jogos da Primavera foram criados em 1949 envolvendo clubes, escolas, associações, etc. (Mourão, 1998 *apud* GOELLNER, 2005, p. 93). Em Porto Alegre, Túlio de Rose criou, em 1954, os Jogos Abertos Femininos que aconteceram até meados da década de 1960 [...] (FOLHA ESPORTIVA, 1957 *apud* GOELLNER, 2005, p. 93).

Outro marco que merece destaque é a participação da tenista brasileira Maria Esther Bueno e da atleta Aida dos Santos que representaram as conquistas das mulheres brasileiras em um cenário internacional:

[..] a tenista Maria Esther Bueno, que conquistou espaço no cenário esportivo internacional ao vencer o Campeonato de Wimbledon nos anos 1959, 1960 e 1965, na categoria individual, e em 1958, 1960, 1963, 1965 e 1966, na categoria de duplas. Em 1964, teremos Aida dos Santos, única mulher da delegação brasileira a ir aos Jogos Olímpicos de Tóquio e que bravamente conquistou o 4º lugar no salto em altura, sem que tivesse técnico nem mesmo as sapatilhas adequadas para a competição (GOELLNER, 2005, p. 94)

Segundo Goellner (2005), na segunda metade do século XX, as mulheres continuaram conquistando seu lugar no âmbito esportivo tanto em competições individuais como coletivas e tanto em competições nacionais quanto internacionais. Conquistaram também espaço em esportes que eram proibidos por serem considerados “muito violentos” como por exemplo o judô, o handebol e o futebol. Ainda assim, apesar de todas essas conquistas é importante ressaltarmos que as condições de acesso e participação das mulheres nem sempre foram iguais

e muitas vezes não serão iguais quando comparadas as dos homens, sejam no esporte de rendimento, na educação física escolar, seja ao considerarmos os valores (financeiros) atribuídos a algumas premiações para as/os vencedoras/es de competições esportivas, seja na visibilidade conferida pela mídia e, etc. (GOELLNER, 2005).

CAPÍTULO 2: A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO ESTADO DE GOIÁS

A violência contra as mulheres é um fato que drasticamente compõe o cotidiano das cidades, países e do mundo e que, apesar de seu potencial destrutivo, é atravessada por silenciamento, culpabilização das vítimas e banalização da gravidade envolvendo os fatos. Em muitos casos, a violência contra as mulheres se constitui como o primeiro tipo de violência que os seres humanos entram em contato, desde a infância, no contexto familiar, inúmeras formas de violência de gênero são presenciadas, experienciadas e ocultadas. É estarrecedor, mas, no geral, as agressões são tomadas como algo normal e rotineiro.

Segundo David et al. (2020, p. 2) “as mortes femininas que têm como único motivo a discriminação baseada no gênero foram nomeadas de feminicídios (tradução da palavra inglesa *femicide*), em 1976, por Diana Russel”. As mortes de mulheres consequentes da subordinação, dominação e desprezo empreendidos contra a expressão do gênero feminino são o ápice e a expressão máxima da violência que ocorre, iniciando-se por vezes em situações de abuso sexual, violência psicológica, financeira, doméstica e/ou ameaças:

Com relação aos homicídios femininos, o Brasil ocupa o quinto lugar entre 84 países do mundo. No período de 2009 a 2011, 13.071 feminicídios foram registrados no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), o que equivale a uma taxa bruta de mortalidade de 4,48 óbitos por 100.000 mulheres. Entre os estados brasileiros, o estado de Goiás representa o sexto lugar, uma vez que foram registrados 6,9 casos de feminicídios por 100 mil de mulheres goianas (DAVID et al., 2020, p. 2).

Rocha (2022) aponta que de acordo com dados do Observatório de Segurança Pública da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás, o feminicídio representou o tipo de violência que mais cresceu em Goiás desde 2018. O dado alarmante é que entre os registros de todas as outras modalidades de crimes e ocorrências houve uma diminuição no período de 2018 a 2021, mas quanto aos feminicídios foi notado um aumento de +50% de casos em Goiás.

O estudo aprovado em 2020 e conduzido por David et al., tinha como objetivo identificar o perfil dos homicídios femininos no município de Goiânia-GO. Neste caso, as/os pesquisadoras/es identificaram que cerca de 10% dos assassinatos registrados eram de mulheres-vítimas com ensino superior, o que explicita que as mudanças nos papéis cultural e socialmente construídos pode ter afetado e fragilizado ainda mais a masculinidade de seus parceiros, culminando nas violências extremas que têm sido descritas.

A entrada das mulheres na força de trabalho formal possibilita que muitas alcancem sua independência econômica, que é potencialmente geradora de conflitos. Os homens, ao perderem o papel de provedor e de chefe de família, muitas vezes reagem de modo agressivo, e isso pode aumentar o número de situações de violência entre os gêneros, inclusive feminicídios (DAVID et al., 2020, p. 4).

Cabe destacarmos que além dos desafios e interdições impostos por uma sociedade machista e que perpassam a vida das mulheres até a entrada no ensino superior, elas correm o risco de tornarem-se vítimas dos feminicídios apenas por possuírem uma possível independência intelectual, emocional e financeira. A possibilidade de “liberdade” das mulheres, em todos os sentidos, sempre incomodou a sociedade e, até o que seria liberdade, torna as mulheres reféns da violência machista. Longo (2022) apresenta que:

Para a titular da 1ª Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) de Goiânia, Ana Scarpelli de Andrade, os autores de feminicídios costumam justificar a violência a perda de controle da posse sobre a mulher, pelo menosprezo. “Um comportamento que é inerente a uma sociedade habituada a delegar às mulheres papéis sociais secundários (LONGO, 2022).

Longo (2022) confirma que nos últimos anos houve um aumento considerável no número de casos de violência contra as mulheres que foram atendidos no Sistema Único de Saúde (SUS) em Goiás. “O Observatório de Segurança Pública revela que, em 2018, foram registrados 2.976 casos de lesão corporal contra mulheres, número que cresceu assustadoramente nos anos seguintes, passando para 10.541 (2019), 11.019 (2020) e 10.782 (2021)” (LONGO, 2022).

O machismo e o preconceito estão enraizados na sociedade de forma que, em se tratando da Educação Física, as pessoas não acreditam que as mulheres sejam capazes de prescrever um programa de treinamento, sanar dúvidas referentes aos planejamentos, ajudar em algum exercício ou trabalhar, demonstrando competência, com esportes ditos masculinos. Essas incertezas quanto à atuação profissional das mulheres não partem apenas dos homens, mas também das próprias mulheres devido às repercussões políticas e históricas do machismo.

Nesta lógica, evidenciamos ainda que o crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho nem sempre se fez por questões de autonomia, mas, devido às necessidades e carência econômica familiar, uma vez que com o passar dos anos um só salário (o do homem) não conseguia mais suprir o orçamento da família. Por isso muitas mulheres foram expostas a uma "dupla jornada de trabalho", sendo que a tomada de decisão, no sentido da igualdade de participação de ambos os sexos, passou a ter importância funcional variável segundo o estatuto

social da família (LOURENÇO; LISBOA, 1997). Tais fatos, infelizmente, não impediram ou impedem que elas sofram algum tipo de violência.

No estudo realizado por Rocha et al. (2021), quando perguntadas sobre já terem sofrido algum tipo de assédio, a maioria das mulheres (61,90%) relatou que passaram por tais episódios no caminho para ou no trabalho. O assédio é um constrangimento realizado por uma pessoa em posição de superioridade em relação à outra, neste caso, o homem em relação a mulher.

Na educação física, a violência de gênero pode ser observada desde a infância, sobretudo nas aulas de educação física escolar. A divisão do “esporte de meninos”, “esporte de meninas”, “brincadeiras de meninos”, “brincadeira de meninas”, reforça que as práticas corporais são generificadas e generificantes a ponto de proibições serem orquestradas. Balbino, Cardoso e Fonseca (2021, p. 2) destacam que:

Por meio do esporte, a EFE é considerada um espaço de virilidade, associada à imagem masculina do esporte. Portanto, não se trata, porém, de qualquer masculinidade, mas “à imagem de um homem forte, violento e vitorioso”. Sendo assim, a Educação Física acaba apresentando uma característica bastante comum em suas aulas, em que os níveis de participação entre os escolares não são partilhados de forma igualitária (BALBINO; CARDOSO; FONSECA, 2021).

Quais os mecanismos e conhecimentos usaremos para superarmos as disparidades e violências de gênero em nossa sociedade e nos espaços de atuação da Educação Física? O quanto ainda teremos que avançar em termos de conhecimento e de disposição para um trabalho comprometido a fim de que minimizemos as violências, as interdições, as proibições e as exclusões vivenciadas nos ambientes de formação e de trabalho? A cada pergunta não respondida, percebemos que ainda há muito a ser feito.

CAPÍTULO 3: OS CAMINHOS DA PESQUISA

Segundo Minayo e Deslandes (2011, p. 14) “a metodologia pode ser entendida como a via do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ou seja, a metodologia compreende as concepções teóricas da abordagem, associando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade”.

Nesse sentido realizaremos uma pesquisa social com base nos estudos feministas. A pesquisa para Minayo e Deslandes (2011, p. 16) “se origina de problemas, dúvidas, perguntas e para eles a resposta está relacionada a conhecimentos anteriores ou a uma criação de novos referenciais”. As mulheres serão os sujeitos dessa pesquisa que tem como problema central saber qual a posição ocupada pelas profissionais/professoras na educação física brasileira, considerando a análise sobre momentos históricos que marcam diferentes modelos de formação na área e as implicações do machismo em nossa sociedade. E como o objetivo central é apresentar as histórias e as trajetórias profissionais de mulheres formadas na ESEFFEGO em diferentes momentos históricos, identificando os desafios que atravessaram suas formações e as resistências que puseram em prática para superá-lo, compreende-se os estudos feministas como um método pertinente para a realização deste estudo.

A pesquisa social feminista busca problematizar, propor e empreender transformações ao sistema de diferença hierárquica centrado no modelo masculino, gerador de desigualdades, a fim de implantar e reconstruir um outro modelo que tenha critérios femininos

A feminista, cônica da relação dialética entre teoria e prática, deseja não só analisar temas relativos à ciência, mas também como e se pode atuar como cientista e, ao mesmo tempo, honrar seu compromisso com o feminismo, que, compreendido amplamente, procura eliminar a opressão e a dominação sobre as mulheres. (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 229).

Essa investigação será do tipo estudo de caso, sendo, pois, uma pesquisa social sobre grupos, considerando-se os anos em que as acadêmicas/profissionais cursaram a graduação em Educação Física, para que se possa realizar uma análise comparativa de suas experiências durante o curso. Destacamos a preocupação em compreendermos e analisarmos o processo e não apenas com os resultados e, para tanto, foi adotada a abordagem qualitativa descrita a seguir:

[...] a pesquisa qualitativa se aplica ao estudo da história, das relações e representações sociais, das crenças, das percepções, das opiniões, análise de discurso e de documentos, proporcionalmente maior em investigações de

grupos e segmentos delimitados” (MINAYO, 2010, *apud* VENTURA et al, 2015, p. 22).

Com base nas informações anteriores, foram entrevistadas oito mulheres formadas em diferentes épocas na ESEFFEGO, uma instituição que foi criada em 1962 com o nome de Escola de Educação Física do Estado de Goiás e, que desde a sua criação vem desenvolvendo um papel social relevante junto à sociedade goiana, sendo a única instituição superior, durante décadas, a formar professores de educação física para as redes de ensino das prefeituras goianas, da Secretaria de Estado da Educação, das instituições de ensino privadas, dos campos não escolares e dos cursos de formação profissional na área, em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas (PPC, 2016).

Das 8 entrevistadas, duas mulheres se formaram na década de 70, duas mulheres se formaram na década de 80, duas mulheres se formaram na década de 90 e duas mulheres se formaram a partir dos anos 2000 até o ano atual. Para isso, foi construído um roteiro de entrevista semiestruturada que aplicamos através do *Whatsapp*. As informações levantadas foram tratadas a partir da análise de conteúdo.

Os resultados obtidos foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin, procedimento metodológico que possui três fases, sendo: a primeira fase uma pré-análise, ou seja, transcrição das entrevistas; a segunda fase a exploração do material obtido e, por fim, a terceira fase que é o tratamento do resultados (HOFFMAN, 2013).

Tabela 1: Roteiro de Entrevista

1	Quais os principais acontecimentos que marcaram a sua vivência no Brasil?
2	Qual seu ano de formação na ESEFFEGO?
3	Agora pensando em sua formação profissional em Educação Física e mercado de trabalho. Quais os principais acontecimentos que marcaram a sua vivência no Brasil?
4	Quais desafios enfrentados durante sua graduação na ESEFFEGO? O fato de ser mulher pode ter os agravado?
5	Quais avanços conquistados durante sua graduação na ESEFFEGO? Houve um movimento de resistência para que essas conquistas fossem alcançadas?
6	Acha que os desafios e avanços vivenciados na instituição tem correlação com o momento histórico que frequentou a universidade?
7	Após a formação em Educação Física, qual sua trajetória no mercado de trabalho?
8	Quais as consequências do machismo na sua formação e na sua prática profissional?

Fonte: Elaboração própria (2022).

3.1 FORMAÇÃO INICIAL E A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DAS GRADUADAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA PELA ESEFFEGO: O MACHISMO QUE NÃO VEMOS, EXISTE

Para discorrermos sobre os dados levantados a partir das entrevistas, apresentaremos a tabela que dispõe de linhas e colunas onde estão representadas as categorias e unidades de registro e de contexto que foram definidas após a interpretação referencial sobre a temática da pesquisa (BARDIN, 1977, P.104 APUD TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005, P.166)

Ao fim das leituras chegamos a sete categorias, designadas como: Marcos na política brasileira; Machismo, formação em educação física e mercado de trabalho; Desafios enfrentados pelas graduandas durante a formação na ESEFFEGO; Conquistas durante a graduação; Contexto histórico, inserção e permanência na ESEFFEGO; Trajetória profissional das graduadas em Educação Física; Consequências do machismo.

CATEGORIAS	Unidades de registro e contexto
1- Marcos na política brasileira	<p>Cenário político brasileiro</p> <p>E2: Quando eu era ainda... tinha por volta de 8 anos, 9 anos eu me lembro de todos falarem que o Brasil estava correndo risco de se tornar comunista [...] Em seguida, me lembro quando as forças armadas tomaram o poder e que na época diziam que era a ditadura, mas foi um tempo que nós tivemos muita liberdade para fazer o que queríamos [...] Depois disso nós tivemos a constituição de 88, o movimento dos caras pintadas e o Brasil passou a ter eleições para presidente, para governador, teve uma certa época que era tudo indicação dos militares né, não tinha eleição, depois passou a ter eleição.</p> <p>E3: Vou citar três: Diretas Já, impeachment do presidente Fernando Collor e a morte de Ayrton Senna.</p> <p>E5: Diretas já; plano cruzado; impeachment de Fernando Collor e Dilma; polarização política direita e esquerda, pandemia;</p> <p>E6: Questão de política por exemplo, o que me marcou, o que assim, eu guardo na memória foi a morte de Tancredo Neves.</p> <p>E8: Eu consigo pensar assim de cara um acontecimento que foi e que está sendo muito marcante, viver no Brasil né... que é a última eleição. Então a ascensão de um homem como o Bolsonaro à presidência do Brasil, do</p>

	<p>nosso país, porque é um marco que traz muitos regressos em muitos aspectos sociais em nosso país. Acho que o principal acontecimento que marcou muito... eu sou uma pessoa que sempre amei o Brasil, amo o Brasil, assim, amo viver aqui, mas na eleição passada, eu tive uma vontade imensa de ir embora.</p>
<p>2- Machismo, formação em Educação Física e mercado de trabalho</p>	<p>Mulher e mercado de trabalho E1: estavam precisando de uma professora lá porque a turma de colegial estava muito difícil, não parava professora lá e eu tinha dado à luz ao meu filho e estava amamentando... Então eu peguei só essas turmas difíceis porque eu não tinha tempo, estava amamentando e peguei só essas turmas difíceis, sabe.</p> <p>Cursos e busca por mais conhecimento E3: A graduação em si lá na ESEFFEGO... é... eu a achei meio restrita. Aí a partir do momento que eu comecei a fazer cursos fora, que eu fui para outros estados fazer curso, que vieram alguns cursos aqui para o Brasil... teve muitos cursos interessantes...</p>
<p>3- Desafios enfrentados pelas graduandas durante a formação na ESEFFEGO</p>	<p>Desafios Financeiros E3: O principal deles foi o financeiro. Eu não trabalhava na época, ainda meu pai que me mantinha e foi muito difícil, não tinha dinheiro para comprar os livros, às vezes tinha que ficar lá o dia inteiro e não tinha dinheiro para comer, pra lancha, pra nada. E2: Para ir trabalhar tinha que ir a pé porque não tinha ônibus também e outra, não tinha dinheiro também para pagar ônibus então ia a pé para o trabalho e voltava a pé pra casa.</p> <p>Desafios em aulas práticas E4: A ESEFFEGO era uma Escola tecnicista, então a performance física era mais importante do que a própria formação do profissional para o mercado. Assim que eu a via. O fato de ser mulher, era mais visível o machismo nas aulas de atletismo, em que a performance masculina era bem mais valorizada, mulher era raro tirar nota boa na prática.</p> <p>Deslocamento e assédio</p>

	<p>E7: Com certeza no que diz respeito à dificuldade de deslocamento até a universidade, o fato de ser mulher agravou por não poder usar algum tipo de roupa que gostaria por passar por vários lugares e ser assediada por diversas vezes.</p>
<p>4- Conquistas durante a graduação</p>	<p>Independência financeira</p> <p>E2: Os avanços conquistados foram mais no lado financeiro mesmo, porque eu comecei a trabalhar em 1974, aí como trabalhei o ano todo sem receber o salário, no final do ano eu recebi todo meu salário do ano e saiu o financiamento pra casa que nós morávamos [...]com o trabalho pude começar a ajudar em casa e isso melhorou nossa condição.</p> <p>Oportunidades de conhecimentos</p> <p>E3: uma janela que se abriu pra mim quando entrei na faculdade, foi outra visão de mundo... os cursos que tive a oportunidade de fazer fora para aperfeiçoar.</p> <p>E7: Os avanços incluem a aquisição de conhecimentos e experiências ao longo da formação acadêmica.</p> <p>E8: Os avanços e conquistas foram mais no sentido da performance, do conhecer os jogos, as técnicas.</p>
<p>5- Contexto histórico, inserção e permanência na ESEFFEGO</p>	<p>Conquistas para a instituição</p> <p>E1: É, eu acho que marcou né, a época em estudávamos, os jogos universitários a gente participou, então a gente era uma turma que daquela época a gente era bem classificado. Então o desafio nosso daquela época com relação histórica tem. A gente conquistou muito troféu que ainda tá guardado lá, a história da ESEFFEGO né.</p> <p>Contexto político e influência na EF</p> <p>E2: Me formei na ESEFFEGO em 1975. Prestei o vestibular no final de 72, fiz o primeiro ano em 73, o segundo 74 e o terceiro em 75, me formando no final do ano de 75 [...]</p> <p>É, pode ter sim, os desafios e avanços, pode ter a ver com o momento histórico porque como te disse foi um momento histórico que os militares estavam no poder, então como eles dão muita ênfase ao trato do corpo, na época que eu entrei na faculdade eles liberaram educação física para todas as</p>

	<p>escolas a partir do ensino fundamental. Então isso foi muito bom porque abriu um leque para os professores de educação física conseguirem trabalho, foi justamente nessa época que os militares estavam no poder que abriu esse leque para podermos trabalhar, conquistar nosso espaço no trabalho.</p> <p>Movimentos por melhorias E5: De 1993 a 1996 [...] No tempo de minha graduação a faculdade enfrentou greves por melhores salários, houve mudanças de currículo para adequação, inserção do curso de fisioterapia! E6: Me formei na ESEFFEGO em 1996. Sou da segunda turma de 1996 [...] Outro desafio que me lembro agora que a gente enfrentou, que a gente vivenciou e que foi um movimento que tivemos que fazer, porém não foi na nossa fase que tivemos melhoria, foi a questão da nossa pista de atletismo e do campo de futebol que na nossa época não existia né. A gente solicitava muito porque as aulas ficavam prejudicadas, tendo em vista que a gente não tinha um espaço adequado pra formação no momento.</p> <p>Laços com o passado, presente e futuro E8: E por mais que eu diga que é uma coisa anterior a minha formação, mas não tem como separar o que a gente vive hoje é em desenrolar né, é totalmente conectado com o passado, com a história, então assim, eu considero que sim, os avanços e desafios vivenciados na instituição tem correlação com o momento histórico que frequentei, porque não tem como separar... a ESEFFEGO, igual qualquer outra instituição, ela sempre tá em diálogo com a atualidade, com os movimentos históricos, com o por vir né... então tudo que acontece hoje, anteriormente, tem relação com a história e o presente e com o futuro.</p>
6- Trajetória profissional das graduadas em Educação Física	<p>Concurso e estabilidade E3: Na sequência, logo assim, rapidinho veio um concurso da prefeitura municipal de Goiânia, fiz o concurso, passei e fiz uma trajetória de 30 anos na rede municipal trabalhando como professora.</p>

	<p>E5: [...]prestei 3 concursos e passei nos 3 simultaneamente (Município, Estado e Fundação Bradesco) . Tive que optar por 2 e escolhi o Município e Fundação renunciando à rede estadual! Trabalhei por 4 anos nos 3 turnos e dois concursos e depois optei apenas pela rede municipal onde estou a 24 anos!</p> <p>E6: [...]desde então passei em três concursos públicos, um eu nem assumi e todos dentro da minha área, hoje sou funcionária da prefeitura de Goiânia[...]dentro da educação física escolar eu tive quase 20 anos de prefeitura, falta pouco para eu completar 20 anos de prefeitura.</p>
7- Consequências do machismo	<p>Influência do machismo na criação</p> <p>E3: eu cresci dentro de uma casa machista, meu pai extremamente machista, meus irmãos também... é... isso não deixa de influenciar a gente né? Eu acho que levei isso pra minha carreira sim profissional. Eu acho que levei. [...]eu me tornei uma profissional, levei muita coisa da minha vivência em casa pra minha rotina, ainda mais quando eu trabalhava com criança... então por exemplo, as minhas aulas de educação física quando passei no concurso, eu era excessivamente militarista com meus alunos... eu separava jogo de menina, jogo de menino [...]então assim, acho que minha carreira toda sempre o machismo prevalece né, inconscientemente e outras vezes consciente também né... a gente traz isso... isso vem arraigado pela criação, pela forma que a gente foi criado.”</p> <p>E8: pensando no machismo, quando criança eu sempre gostei de praticar praticas corporais que são normalmente vinculadas a homens e isso eu sofri algum preconceito, inclusive dentro da família, por conta desse estereótipos. Eu joguei futebol por um tempo e aí toda essa carga que vem desde antes da educação física, mas relacionadas com as práticas corporais estão um pouco vinculadas sim, elas interferem totalmente na minha prática enquanto profissional.</p> <p>Machismo camuflado</p> <p>E2: Eu não tive problema nenhum na minha formação por conta de machismo, por conta de os homens dominarem o mercado de trabalho não, na minha formação não porque</p>

	<p>principalmente quando eu comecei mulher geralmente dava aula para mulher e homem dava aula pra homem, então nós não tivemos esse problema.</p> <p>Preconceitos E8: [...] por eu ser mulher, falar muito [...], essa voz muito doce e pequenininha... eu tenho que muitas vezes me esforçar para mostrar que eu tenho competência, apesar desse estereótipo de parecer muito nova e aí as pessoas vinculam isso a falta de experiências, falta de conhecimentos né.</p>
--	---

3.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A entrevistada que representamos pelo código E2 se formou na ESEFFEGO na década de 70 e respondeu à questão de número 1 (Quais os principais acontecimentos que marcaram a sua vivência no Brasil?) representada na categoria “Marcos da política brasileira”, apontando a ditadura civil-empresarial-militar brasileira como um acontecimento político que marcou sua vida no Brasil. Entretanto, pudemos identificar que a entrevistada não enxerga essa época sombria da nossa história como uma ditadura ou regime autoritário, violento e repressivo que de fato foi, a resposta a seguir elucida melhor nossas interpretações: “Em seguida, me lembro quando as forças armadas tomaram o poder e que na época diziam que era a ditadura, mas foi um tempo que nós tivemos muita liberdade para fazer o que queríamos” [E2, 2022].

Ou seja, a entrevistada E2 enxerga que o regime ditatorial brasileiro foi um acontecimento positivo e que representou e estruturou a sua trajetória profissional. Para mais, apresentamos a resposta dada à questão 6 (Acha que os desafios e avanços vivenciados na instituição tem correlação com o momento histórico que frequentou a universidade?) que correspondeu à categoria “Contexto histórico, inserção e permanência na ESEFFEGO”:

É, pode ter sim, os desafios e avanços, podem ter a ver com o momento histórico, porque, como te disse, foi um momento histórico em que os militares estavam no poder, então, como eles dão muita ênfase ao trato do corpo, na época que eu entrei na faculdade eles liberaram educação física para todas as escolas a partir do ensino fundamental. Isso foi muito bom porque abriu um leque para os professores de educação física conseguirem trabalho, foi justamente nessa época que os militares estavam no poder que abriu esse

leque para podermos trabalhar, conquistar nosso espaço no trabalho [E2, 2022].

Cabe ressaltar que também notamos esse enaltecimento do militarismo influenciada na resposta dada por E2 à questão de número 8 (Quais as consequências do machismo na sua formação e na sua prática profissional?) que corresponde à categoria “Consequências do machismo”:

Eu não tive problema nenhum na minha formação por conta de machismo ou por conta de os homens dominarem o mercado de trabalho. Não. Na minha formação não, porque principalmente quando eu (mulher) dava aula, geralmente era para mulheres e, homem dava aula pra homens, então, nós não tivemos esse problema [E2, 2022].

Cruz e Palmeira (2009), apresentaram que em 1920 houve a criação das escolas mistas cujo objetivo era igualar o acesso e os métodos educacionais para homens e mulheres, mas a relação pré-estabelecida era da superioridade dos homens em relação às mulheres, o que persiste até hoje. Muitas/os professoras/es fazem uso de práticas que transparecem os estereótipos, as violências e os preconceitos de gênero e, por vezes, inconscientemente, cobram coisas diferentes de meninas e meninos nas aulas. Logo, com a tentativa de intervir nessa realidade:

[...] os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), de Educação Física, no que tange as questões de gênero, considera de fundamental importância a realização de aulas mistas, uma vez que estes podem favorecer a meninos e meninas, a aprenderem a ser mais tolerantes, respeitando as diferenças existentes. Evita-se, assim, a construção e/ou reprodução da estereotipia sexual (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 117).

Apesar disso a separação de meninos e meninas nas aulas de educação física é ainda muito comum, notando-se que as dificuldades existentes no encaminhamento de propostas coeducativas, ou seja, aulas em que meninos e meninas realizam atividades conjuntamente, ressaltam a importância em discutir e vivenciar o respeito às diferenças. Pensando também que a E2 se formou na década de 70, recorreremos a Cruz e Palmeira (2009) para mostrar que:

Na década de 70, por exemplo, foi promulgado o Decreto Federal nº 69450, de 1º de novembro de 1971, o qual considerou a Educação Física como “a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolvem e aprimoram forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando”, essas características mantinham estreita relação com o contexto político em que o Brasil estava inserido. Em meio a um ambiente militar, a Educação Física desempenhou funções pautadas no nacionalismo, na segurança nacional, tanto

na formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável em defesa da pátria, como na tentativa de desmobilização das forças políticas e opositoras. Uma das funções da educação tradicional, foi exatamente apresentar condutas diferenciadas para indivíduos de ambos os sexos (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 120).

Foi na década de 1970 que a ditadura atingiu o auge de sua popularidade e de repressão, já que o governo passou a censurar todos os meios de comunicação do país e a torturar, matar e/ou exilar e retirar direitos das pessoas que consideravam como transgressoras/dissidentes. As greves operárias reivindicavam o fim do arrocho salarial, demonstrando ainda que trabalhadoras/es queriam liberdade para estruturar seus sindicatos. Os estudantes realizavam passeatas reclamando da falta de liberdade política.

Pensando o cenário mundial, foi na década de 70 que ocorreram as lutas pelos direitos civis da população negra nos Estados Unidos, as reivindicações existiam pela via da manifestação pacífica, tendo como um dos representantes Martin Luther King, ou pela via do endurecimento com proposta de luta armada e criação de um Estado negro separatista. Nesse período, os movimentos feministas e LGBT também se já se manifestavam a nível internacional e no Brasil, havia interesse e curiosidade pelo assunto e, com isso, foram criados grupos de reflexão e o movimento de mulheres começava a se tornar visível.

Em 1975 houve a criação do Movimento Feminino pela Anistia e, em 1976-1978 surgiu o jornal *Nós Mulheres*, que se definia feminista desde o início, assim como o outro jornal *Brasil-Mulher*, tornando-se porta-vozes do movimento (SARTI, 1998). Muitas dessas mulheres foram presas e outras tantas torturadas e/ou assassinadas. Elas ficaram conhecidas pela coragem e por participações revolucionárias nas ações armadas contra a ditadura brasileira.

Destacamos que é perceptível na trajetória da entrevistada E2 que, como mulher e cidadã brasileira, ela vivenciou a ditadura militar com todos os privilégios (entre muitas aspas) de ser alguém desconectada da militância e da crítica aos anos de chumbo. Ela se sentiu e se viu livre e pareceu não reconhecer a ocorrência de repressão contra movimentos sociais e manifestações políticas de oposição, denotando ainda não ter percebido a censura aos meios de comunicação, às/aos artistas, bem como a cassação dos direitos políticos das/dos que se opuseram às políticas de morte e às torturas empreendidas em diferentes regiões do país. Sua estrutura familiar e sua criação parecem dizer muito sobre o que foram, provavelmente, as instâncias que mais influenciaram sua formação humana e a levaram a seguir a mesma linha de pensamento durante sua formação profissional. Quem sabe a entrevistada E2 tenha experimentado várias interdições

decorrentes do machismo, no entanto, ela parece apresentar alguns limites para mensurar que ele esteve presente esse tempo todo em cada canto de sua vida e repercutiu na sua atuação.

A entrevistada E8 se formou na ESEFFEGO em 2012 e respondeu à questão número 1 (Quais os principais acontecimentos que marcaram a sua vivência no Brasil?) apontando o governo atual como um acontecimento negativamente muito marcante:

Eu consigo pensar assim de cara um acontecimento que foi e que está sendo muito marcante, viver no Brasil, né? A última eleição. Então, a ascensão de um homem como o Bolsonaro à presidência do Brasil, do nosso país, é um marco que traz muitos regressos (retrocessos) em muitos aspectos sociais. Acho que esse é o principal acontecimento que marcou muito... Eu sou uma pessoa que sempre amei o Brasil, amo o Brasil, assim, amo viver aqui, mas na eleição passada, eu tive uma vontade imensa de ir embora [E8, 2022].

Consequentemente a entrevistada em questão [E8] é uma mulher que conseguiu perceber o machismo desde a infância, diferente de E2. Ao responder à questão de número 8 (Quais as consequências do machismo na sua formação e na sua prática profissional?) que corresponde a categoria “Consequências do machismo” E8 destacou que:

Pensando no machismo, quando criança eu sempre gostei de praticar práticas corporais que são normalmente vinculadas a homens e com isso eu sofri algum preconceito, inclusive dentro da família, por conta desses estereótipos. Eu joguei futebol por um tempo e aí toda essa carga que vem desde antes da educação física, mas, relacionadas com as práticas corporais, estão um pouco vinculadas sim e elas interferem totalmente na minha prática enquanto profissional [E8, 2022].

O fato de E8 perceber o governo atual como um impasse para o progresso do Brasil diz muito sobre sua visão do machismo em sua trajetória profissional e sobre como ela lida com ele. A entrevistada afirma que:

Eu sempre problematizo isso nas minhas aulas, problematizava no ensino superior e problematizo nas escolas com as crianças do primeiro ano, problematizei já isso na educação infantil até porque desde muito novo a gente começa a ser bombardeado com esses preconceitos mesmo. Então, quanto antes a gente discutir, problematizar, melhor. Pra gente abrir os olhos, o papel do professor é muito importante nessa mediação. A minha prática profissional é totalmente vinculada a essa discussão, em qualquer campo que eu atue, sempre vai ocorrer essa problematização do machismo que a gente sofre no nosso cotidiano [E8, 2022].

E8 usa da sua trajetória de vida, experienciando e sendo atravessada pelas violências e interdições que derivam do machismo, para edificar e complexificar a sua trajetória profissional. Percebemos isso quando ela relata que empreender discussões sobre o tema nas aulas de educação física ministrada nas escolas e em outros espaços. É interessante ponderarmos que tanto E8 quanto E2 estruturam suas intervenções profissionais tendo como base acontecimentos que perpassaram suas vidas, o militarismo, a resistência ao machismo na educação física são partes do que elas conseguiram assimilar e desenvolver em suas carreiras.

Analisando os dados da tabela, é perceptível que a presença de desafios, interdições e silenciamentos derivados dos contextos machistas ao redor e que mobilizaram as trajetórias das mulheres entrevistadas. Por exemplo, os obstáculos encontrados durante a realização das aulas práticas, constituíram-se como empecilhos para a formação em educação física, como citado pela entrevistada E4 na categoria 4 da tabela que corresponde à resposta da questão 4 “Quais desafios enfrentados durante sua graduação na ESEFFEGO? O fato de ser mulher pode ter os agravado?”: “[...]O fato de ser mulher, tornava (grifo nosso) mais visível o machismo nas aulas de atletismo, em que a performance masculina era bem mais valorizada. A mulher era raro tirar nota boa na prática [E4]”. Outro desafio mencionado, dessa vez pela entrevistada E7, foi o de se deslocar para a faculdade sem ser assediada:

Com certeza no que diz respeito à dificuldade de deslocamento até a universidade, o fato de ser mulher agravou por não poder usar algum tipo de roupa que gostaria, devido ao fato (grifo nosso) de passar por vários lugares e ser assediada por diversas vezes [E7, 2022].

Outro ponto importante que o quadro nos mostra é a busca das mulheres entrevistadas por mais conhecimentos, estabilidade e independência financeira. Na categoria 2 - Machismo, formação em Educação Física e mercado de trabalho identificamos as seguintes respostas: A entrevistada E3 aponta que buscou fora o que faltou durante sua formação: “a graduação em si lá na ESEFFEGO... é... eu a achei meio restrita. Aí a partir do momento que eu comecei a fazer cursos fora, que eu fui para outros estados fazer curso, que vieram alguns cursos aqui para o Brasil... teve muitos cursos interessantes” [E3, 2022]

Para a categoria 4, conquistas durante a graduação, as entrevistadas destinaram as seguintes reflexões: E3: “uma janela que se abriu pra mim quando entrei na faculdade, foi outra visão de mundo... os cursos que tive a oportunidade de fazer fora para aperfeiçoar”. E7: “os avanços incluem a aquisição de conhecimentos e experiências ao longo da formação acadêmica”. E8: “os avanços e conquistas foram mais no sentido da performance, do conhecer os jogos, as técnicas”.

É perceptível uma busca de desenvolvimento profissional pelas entrevistadas que viram o ganho de conhecimento e experiências como uma conquista, assim como também não se limitaram e foram atrás de mais conhecimento fora da faculdade. No que diz respeito à categoria 6 “trajetória profissional das graduadas em Educação Física”, obtivemos as seguintes respostas:

E3: Na sequência, logo assim, rapidinho veio um concurso da prefeitura municipal de Goiânia, fiz o concurso, passei e fiz uma trajetória de 30 anos na rede municipal trabalhando como professora.

E5: [...]prestei 3 concursos e passei nos 3 simultaneamente (Município, Estado e Fundação Bradesco). Tive que optar por 2 e escolhi o Município e Fundação renunciando à rede estadual! Trabalhei por 4 anos nos 3 turnos e dois concursos e depois opte apenas pela rede municipal onde estou a 24 anos!

E6: [...]desde então passei em três concursos públicos, um eu nem assumi e todos dentro da minha área, hoje sou funcionária da prefeitura de Goiânia[...]dentro da educação física escolar eu tive quase 20 anos de prefeitura, falta pouco para eu completar 20 anos de prefeitura.

Percebe-se que apesar dos desafios em suas trajetórias profissionais, essas mulheres buscaram conhecimentos para além do ambiente universitário, assim como buscaram por uma independência financeira e profissional através da efetivação em concursos públicos na área. Segundo Fontoura e Gonzalez (2009):

O mundo do trabalho é um dos campos da vida social de maior importância para a construção da autonomia dos indivíduos, reconhecimento social, elevação da autoestima, construção de redes de convivência, acesso a bens de consumo, e constituição de identidade pessoal (FONTOURA; GONZALEZ, 2009, p. 21)

A participação das mulheres no mercado de trabalho vem crescendo continuamente no Brasil ao longo dos últimos anos. Alguns fatores que explicam esta mudança estão relacionados a própria expansão do mundo do trabalho; as transformações culturais que, mesmo lentas, redirecionam as mulheres a outros espaços.

Assim como no primeiro capítulo destacamos que a trajetória das mulheres no ensino superior foi marcada pelo enfrentamento das inúmeras dificuldades que obstaculizaram seus caminhos e lhes impuseram algum tipo de organização para resistirem e ocuparem espaços, as informações por nós coletadas revelam que houve desafios diversos para que as entrevistadas chegassem à formação superior entre a década de 70 e até hoje. Salientamos que o machismo influenciou direta ou indiretamente nessas dificuldades, mas também é visível uma evolução nas trajetórias de formação e profissionalização das entrevistadas, haja vista que também avançamos (a passos lentos) na garantia de direitos, como consta nos dados acima relatados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na trajetória das oito profissionais/professoras formadas pela ESEFFEGO que foram entrevistadas, identificamos que apesar de todas apresentarem sucesso, todas estiveram/estão em alguma medida sujeitas a tudo que decorre do machismo, mesmo àquelas que alegaram não sofrerem com o machismo na sua formação e prática profissional. Isso porque o machismo, como abordado anteriormente, é enraizado na nossa cultura e por isso se faz presente, camuflado ou explícito, no cotidiano que envolve afazeres profissionais ou pessoais das mulheres. Destacamos que é nítida a influência dessas violências, interdições e silenciamentos, principalmente quando observamos as mulheres que se formaram na década de 70 em comparação às que formaram a partir dos anos 2000. Ao fim e ao cabo todas estão sujeitas a resistirem ou a reproduzirem atitudes e práticas machistas.

Considerando os diferentes momentos da história da ESEFFEGO, notamos que a formação das entrevistadas também foi influenciada pelos valores da criação durante a infância, pelo momento e espectro político com os quais se identificaram, bem como pelos momentos históricos vividos por cada uma das entrevistadas. Tais fatos repercutem em suas trajetórias profissionais. O machismo se faz presente em quase tudo.

As entrevistadas tiveram que enfrentar desafios causados pelo machismo sendo eles percebidos por elas (ou não), mas, observamos que em alguma medida para que seguissem suas carreiras e pudessem avançar, movimentos de resistência foram e continuam sendo criados e empreendidos. Mesmo que devagar, as mulheres estão alcançando seus objetivos, principalmente no que se refere a América Latina, visto que nessas sociedades não só sofrem com o machismo, sexismo, patriarcalismo, racismo, como também com a visão colonizadora sobre os corpos, que quase sempre são inferiores (culturalmente) aos dos colonizadores. Assim, percebemos que o ser “mulher” é mais do que um útero ou qualquer outro fator biológico, ultrapassando isso à medida que a sua construção é diária e plural (MACIEL; NETO, 2018).

Como discente do curso de educação física acho válido acrescentar que minha trajetória no ensino superior também foi desafiadora, principalmente pelo fato de metade do meu curso ter sido realizado durante uma pandemia mundial em que as aulas, que antes eram presenciais, precisaram acontecer à distância. E isso, definitivamente, foi um fator que me fez desanimar em relação a minha formação em educação física, principalmente por ser um curso com muitas aulas práticas e cujas disciplinas tive que estudar através do EAD (Ensino à Distância), como por exemplo, as componentes curriculares futebol, basquete, natação e três estágios

obrigatórios. Foi um desafio pra eu manter meu psicológico saudável para continuar em um curso que já não supria minhas expectativas. Sinto que cheguei no final do curso com uma lacuna intelectual que o EAD deixou.

Por fim, destaco que me identifiquei com algumas das entrevistadas quando o quesito é assédio no deslocamento até a universidade e a frustração com o governo atual. Comparando a minha temporalidade histórica com a delas, posso concluir que mesmo com os desafios devido à essa sociedade machista, as mulheres avançaram em suas trajetórias no ensino superior, no mercado de trabalho, na independência financeira e intelectual, bem como na identificação do machismo e da importância dos movimentos feministas – cujas visões, ações e posicionamentos sejam críticos em relação à realidade – já que cenários políticos e históricos são grandes influenciadores do nosso modo de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena GF. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia (Ribeirão Preto), n. 2, p. 61-69, 1992.
- BALBINO, Marcela Albertini; CARDOSO, Priscila Carla; FONSECA, Débora Cristina. Violências de gênero, sexualidade e educação física escolar: como essa questão social vem sendo tratada no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. Especial, p. 63-70, 2021.
- BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, v. 6, p. 5-46, 2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense, 2017.
- COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília MB (Ed.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2002.
- CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 116-131, 2009.
- DA ROCHA, Clara Regina Menezes et al. Concepções de Mulheres Estudantes de Educação Física Sobre Assédio e Preconceito como Desafios para Atuação Profissional. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 22, n. 1, p. 20-25, 2021.
- DAVID, Luana Muzzi Vaz et al. Perfil dos óbitos femininos por homicídios no município de Goiânia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020.
- DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.
- DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. **Movimento**, v. 10, n. 2, p. 125-144, 2004.
- DO NASCIMENTO, Janaina Xavier. Políticas públicas e desigualdade de gênero na sociedade brasileira: considerações sobre os campos do trabalho, da política e da ciência. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 1, p. 317-337, 2016.
- DUARTE, Amanda Rodrigues. Inserção de gênero na formação inicial dos cursos de pedagogia a partir das experiências e narrativas docentes. 2021.
- FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. **Gênero e educação: caderno para professores**. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, p. 29-42, 2003.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2004.

FONSECA, Rubiane Giovani; HONORATO, Tony; SOUZA, Samuel de. As práticas corporais na legislação imperial e a construção de uma sociologia da profissão para a educação física. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, p. 509-526, 2021.

FONTOURA, Natália de Oliveira; GONZALEZ, Roberto Henrique Sieczkowski. **Aumento da participação de mulheres no mercado de trabalho: mudança ou reprodução da desigualdade?**. 2009.

GHILARDI, Reginaldo. Formação Profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 01-11, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática. Goiânia. Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 85-100**, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GUEDES, Moema de Castro; AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. **cadernos pagu**, p. 367-399, 2015.

HOFFMAN-CÂMARA, Rosana. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, p. 166, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 08 de dez. de 2021.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R.; DE FREITAS, Britta Lemos. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

LONGO, Malu. Femicídio é o crime violento que mais cresce em Goiás. **O Popular**, 2022. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/cidades/femicidio-%C3%ADdio-%C3%A9-o-crime-violento-que-mais-cresce-em-goi%C3%A1s-1.2405575> . Acesso em: 10 ago. 2022.

LOURENÇO, Nelson Manuel de Oliveira; LISBOA, Manuel; PAIS, Elza. **Violência contra as mulheres**. Comissão para a Igualdade e para os direitos das Mulheres/Alto Comissário para as Questões da Promoção da Igualdade e da Família/Presidência do Conselho de Ministros, 1997.

MACIEL, Thaynná Soares; SILVA NETO, Antônio Carlos Batista. Resistência das mulheres latino-americanas: Ni uma a menos. **Campina Grande: Realize**, v. 2, 2018.

MACHISMO, (2022) In Michaelis online. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/machismo/> . Acesso em: 28 ago. 2022.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 647-654, 2006

PEREIRA, Auda et al. Análise de conteúdo de uma entrevista semi-estruturada. **MP E-Learning**, v. 11, 2011.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, NALG. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. **IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-Sirsse, Paranavaí**, v., n, p. 5527-5542, 2017.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. **A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos**, v. 48, p. 7-42, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. **Cadernos Pagu**, n. 1, p. 150-200, 1993.

PRYJMA, Marielda Ferreira; WINKELER, Maria Sílvia Bacila. Da formação inicial ao desenvolvimento profissional docente: análises e reflexões sobre os processos formativos. **Formação Docente–Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 6, n. 11, p. 23-34, 2014.

ROCHA, Rauane. Casos de feminicídio crescem 50% em 3 anos, em Goiás. **Sagres**, 2022. Disponível em: <https://sagresonline.com.br/casos-de-feminicidio-crescem-50-em-tres-anos-em-goias/>. Acesso em 10 ago. 2022.

SARTI, Cynthia A. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cadernos de pesquisa**, n. 64, p. 38-47, 1988.

SCOTT, Joan. História das mulheres. **A escrita da história: novas perspectivas**, v. 4, p. 63-96, 1992.

UNGHERI, Bruno Ocelli et al. Educação física, gênero e mercado de trabalho: percepções de mulheres sobre a futura área de atuação profissional. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 20, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG). **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física**. Anápolis - Goiás, 2016.

VENTURA, Paulo Roberto Veloso et al. Metodologia da investigação científica: um olhar a partir de pesquisadores da Educação Física. **Texto Didático**). **Goiânia**, 2015.